

Apresentação

Evelina Hoisel¹

A *Revista Canudos* dedica este volume à comemoração do centenário de publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, livro já consagrado monumento da cultura brasileira, documento da memória nacional. Desde que foi publicado, em 2 de dezembro de 1902, o impacto do leitor diante do emaranhado de signos, imagens, símbolos, mitos, fatos históricos, teorias científicas, contidos em sua tessitura, não é muito distinto da perplexidade do leitor do início do século XXI, que celebra a obra de Euclides da Cunha como texto fundador da nação, articulando-se diretamente ao processo de construção da identidade nacional, pela diversidade de visões e de representações do Brasil que encorpa em sua trama.

Ao homenagear *Os Sertões* e Euclides da Cunha, seu autor, a *Revista Canudos* celebra também a memória de três eminentes estudiosos da saga de Canudos: o professor José Calasans, cujo estudo e classificação das narrativas orais do ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro possibilitou a construção de uma versão de “Canudos não euclidiano”, representando também um marco decisivo para a mudança de rumo da crítica universitária de *Os Sertões*; o Professor Renato Ferraz, ilustre referência para a reconstrução e preservação da memória de Canudos, através da criação do Centro de Estudos Euclides da Cunha, em Salvador, e do Parque Estadual de Canudos, com seus sítios histórico e arqueológico; e o Professor Roberto Ventura, cujo trágico desaparecimento, ao retornar de evento comemorativo do centenário em São José do Rio Pardo, representa uma irreparável perda não só para os estudos canudianos, mas também para a cultura brasileira.

A variedade dos ensaios que compõem a *Revista* é elucidativa da multiplicidade de discursos que constroem a narrativa de *Os Sertões*, suscitando distintas interpretações nos diferentes campos do saber. Encontram-se aqui, sob a perspectiva das teorias contemporâneas, artigos que contemplam a construção da biografia de Euclides da Cunha e o estudo de sua correspondência; artigos de natureza comparatista, bem como aqueles que rediscutem o estatuto do discurso de *Os Sertões*, procurando situá-lo do ponto de vista de uma determinada ordem discursiva.

¹ Diretora do Instituto de Letras da UFBA

E é do saudoso Roberto Ventura, que se dedicava tão apaixonadamente a escrever a biografia de Euclides da Cunha, o artigo intitulado “Do mar se fez sertão: Euclides da Cunha e Canudos”. Estão aí traçados os dados biográficos que desenham, sob perspectivas distintas, o perfil de Euclides da Cunha e suas relações com os acontecimentos da guerra, situando as forças que impulsionaram o desejo de registrar os dramáticos episódios de Belo Monte. Roberto Ventura focaliza sua leitura mostrando como Euclides da Cunha recriou o imaginário dos seguidores do Conselheiro, propondo uma outra interpretação de Canudos. Singulares na construção biográfica empreendida por Roberto Ventura são as interfaces estabelecidas entre a figura do Conselheiro e a de Euclides. Entretanto, na complexidade das relações entre autor e obra, contraditória é a violenta morte de Euclides em relação à proposta de *Os sertões*, “um manifesto contra a violência”.

Os bastidores da publicação de *Os sertões* são focalizados no estudo “Uma carta inédita de Euclides da Cunha”, de Walnice Nogueira Galvão. Aqui, põe-se em circulação uma carta enviada por Euclides da Cunha a José Veríssimo, através da qual agradece os favores recebidos de Veríssimo, um dos críticos literários mais proeminentes da época. A carta se inscreve nas gestões de Euclides para conseguir publicar o seu livro, *Os Sertões*, e caracteriza-se como uma importante peça de sua vasta correspondência, trocada com amigos e intelectuais da época, muitas delas solicitando ou agradecendo favores.

Já o ensaio de Luciano Rodrigues Lima estuda as contradições de uma obra que oscila entre historiografia e literatura. Utilizando-se de um aparato conceitual bastante pertinente para refletir sobre as contradições de *Os Sertões*, Luciano Lima toma como ponto de partida para sua leitura a questão da intencionalidade da obra, colocando em diálogo as declarações de Euclides na Nota Preliminar e nas Notas à 3ª edição de *Os Sertões*, e evidenciando que, ao se definir como um “narrador sincero”, Euclides comete uma “insinceridade”. Ao tempo em que percorre a espessa trama dessa narrativa, Luciano Lima problematiza questões cruciais para a compreensão dos “equivocos científicos”, dos “defeitos estéticos”, e das “contradições flagrantes” desse texto, verdadeiro Hércules-Quasímodo, como denomina o autor.

Ao comparar a narrativa de Euclides da Cunha com a do memorialista Isidoro Virgínio, soldado músico da coluna Savaget, através do registro da guerra de Canudos nos seus cadernos de anotações, Carlos Perrone Jobim Júnior propicia ao leitor da história do Conselheiro e seus seguidores a singular oportunidade de conhecer mais um documento inédito, que traduz o pensamento de um homem do povo sobre sua época e

sobre o drama da guerra. Da confrontação dos dois relatos, o de Euclides e o de Isidoro, modificam-se algumas interpretações que construíram uma determinada versão da nação brasileira, enriquecendo-se e ampliando-se, a partir desse outro crivo, o resgate de uma memória cultural.

A teologia alicerça o estudo de Pedro Lima de Vasconcellos, que incursiona pelas imagens de *Os Sertões* para explicar as inúmeras recorrências de Euclides, na descrição do conflito de Canudos, a símbolos, mitos e paisagens da Bíblia, salientando que essas imagens, cenas antiqüíssimas do imaginário ocidental, não se devem apenas a um efeito estético ou retórico pretendido pelo livro, mas são sintomáticas das mudanças ocorridas no posicionamento de Euclides, durante o seu relato sobre Belo Monte e Antonio Conselheiro. Ao indagar, desde o título do artigo, “legião de demônios ou novos crucificados?”, o autor já sintetiza os extremos da visão euclidiana sobre a motivação da guerra, demonstrando que as imagens bíblicas sustentam tanto o “escárnio inicial” com que Euclides da Cunha tratou os seguidores de Antonio Conselheiro, quanto “a explícita simpatia” posterior que revela pelos sertanejos.

Ainda no campo dos estudos comparatistas, situa-se o ensaio de Lidiane Santos de Lima, que aborda o papel da comunicação, da imprensa, na formação da opinião pública em *Os Sertões* e em *A Guerra do fim do mundo*, de Mário Vargas Llosa, este último, inserido no ciclo temático canudiano. Dessa confrontação resulta, ainda, uma delimitação de territórios que diferencia literatura e jornalismo no processo de registro da história de uma nação. A escrita literária é a garantia de uma memória não permitida pelo jornal, que noticia os fatos, mas não lhes confere a marca histórica, como a literatura. Para a autora, a importância do ciclo temático canudiano justifica-se ao propiciar o avanço da pesquisa na área da comunicação, permitindo uma teoria da comunicação e da opinião pública com bases nacionais.

A retomada do debate que acompanha *Os Sertões* desde sua publicação é realizada por Lea Costa Santana Dias, ao tratar do tema do “consórcio” entre arte e ciência. Atravessando a pluralidade de vozes, antíteses, paradoxos e oscilações contidos no relato euclidiano, observa a autora que as antinomias são uma solução encontrada por Euclides da Cunha para enquadrar em um só texto a complexidade do universo sertanejo.

Já a instigante leitura que Ângela Gutiérrez realiza em “*Os Sertões*, o olhar estrangeiro e a ‘mirada estrábica’” aborda questões relacionadas à recepção da obra de Euclides da Cunha no estrangeiro, refletindo sobre as motivações que têm suscitado o fascínio de poetas, romancistas, sociólogos, tradutores, historiadores, etc. A problemática recortada é desenvolvida a partir de dois textos ficcionais que reescrevem *Os Sertões: A guerra*

do fim do mundo, do peruano Mario Vargas Llosa, e o *Veredicto de Canudos*, do escritor húngaro Sandor Márai, traduzido e publicado no Brasil em 2002, mas escrito ainda no final dos anos 60 e publicado originalmente no Canadá, nos anos 70.

Cem anos depois da publicação de *Os Sertões*, todas estas vertentes interpretativas, situadas no espaço de *Canudos*, reafirmam o vigor, a atualidade e a importância do texto de Euclides da Cunha não só como referência para a compreensão do sertão e dos sertanejos, mas, sobretudo, para a reflexão em torno dos contrastes e diferenças da nossa cultura, a exemplo da antinomia barbárie e civilização.

publ
Braz
Deco
mytl
muc
celest
cons
repr

also
teac
Con
vers
univ
to th
of 'l
park
pass
repr
Braz

disc
inter
the
biog
com
tryir

was
writ
diff

—
"Bor